



ORDINÁRIO DO SENTIDO E RESISTÊNCIA EM LUTO/LUTA NO JORNAL BOCA DE RUA

ORDINARY OF THE SENSES AND RESISTANCE IN GRIEF/DISPUTE IN THE NEWSPAPER BOCA DE RUA

Luciana Iost Vinhas¹

Resumo: O processo de elaboração e circulação do luto ganha corpo nas palavras e nas imagens expostas na edição n° 76 do Jornal Boca de Rua (Porto Alegre/RS), o único jornal brasileiro produzido por pessoas em situação de rua. A edição de meados de 2020 traz, na capa, a imagem de Leandro Corrêa, um dos integrantes do Boca, que, segundo o Jornal, foi “morto pelo sistema”. Com o protagonismo de Leandro no Jornal e com a divulgação de sua morte - junto com sua vida - o Jornal Boca de Rua formula o luto como um gesto político e social, materializando a resistência via ordinário do sentido. Através da análise da reportagem de capa, podemos observar elementos materiais que apontam para esse gesto de resistência, rompendo com o ‘enquadramento’ sobre quem pode e deve ser objeto de luto na nossa formação social. As derivações possíveis entre morte e assassinato, entre notícia e denúncia, entre notícia e homenagem permitem a interpretação do texto de capa como forma de elaboração e circulação do luto, inseparável de uma luta simbólica. A Análise de Discurso Materialista opera teórica e analiticamente no processo de descrição e interpretação do corpus, trazendo contribuições fundamentais para a discussão sobre luto/luta a partir da posição dominada.

Palavras-chave: luto; ordinário do sentido; resistência.

Abstract: The process of elaborating and circulating the grief is embodied in the words and images displayed in the 76th edition of the newspaper called Boca de Rua (Porto Alegre/RS), the only Brazilian newspaper produced by homeless people. The mid-2020 edition has, on its cover, the image of Leandro Corrêa, one of the members of Boca, who, according to the newspaper, was “killed by the system”. With Leandro’s leading role in the newspaper and with the disclosure of his death - along with his life - the newspaper formulates the grief as a political and social gesture, materializing resistance through the ordinary of the senses. Through the analysis of the cover story, we can observe material elements that point to this gesture of resistance, breaking with the ‘framework’ about who can and should be the object of grief in our social formation. The possible drifts between death and murder, between news and complaint, between news and tribute allow the interpretation of the cover text as a way of elaborating and circulating the grief, inseparable from a symbolic dispute. The Materialist Discourse Analysis operates theoretically and analytically in the process of description and interpretation of the corpus, bringing fundamental contributions to the discussion about grief/dispute from the dominated position.

Keywords: grief; ordinary of the senses; resistance.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As edições do Jornal Boca de Rua costumam apresentar uma única manchete na capa. Na edição n° 76 não foi diferente. Em geral, os jornais produzem suas capas com

¹ Professora de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). lucianavinhas@gmail.com.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1026-2277>.

as principais manchetes a serem noticiadas, as quais, pelo olhar daquele que edita, chamarão mais a atenção do público leitor e o levarão a adquirir o conteúdo informado. Contudo, o Boca não segue a convenção estabelecida pela mídia hegemônica² no que concerne ao seu funcionamento material³ - e isso não seria diferente na edição de julho, agosto e setembro de 2020. Subvertendo os manuais de redação jornalística, temos somente uma imagem, acompanhada de um título e de um subtítulo. A imagem é de um homem branco de meia-idade, o Leandro, pessoa em situação de rua; ao ler o subtítulo, tomamos conhecimento de que Leandro morreu e, segundo o texto, o responsável pela sua morte foi “o sistema”.

Ao invés de nos depararmos com o texto padrão das produções jornalísticas, encontramos uma matéria que noticia uma morte (ou seria assassinato?), denuncia os responsáveis por essa morte e presta homenagem àquele que, de forma singular, vivia nas ruas de Porto Alegre com sua “força na peruca”. As derivas possíveis entre assassinato e morte, entre notícia e denúncia, entre notícia e homenagem permitem a interpretação do texto de capa como forma de elaboração e circulação do luto, como um gesto político e social, inseparável de uma luta simbólica. Neste texto, vamos falar sobre isso pelo viés da Análise Materialista de Discurso (AD) ao analisarmos alguns elementos da matéria sobre a morte de Leandro publicada pelo Jornal. Podemos lançar uma primeira consideração sobre a proposta: o político do/no luto abre a possibilidade para a resistência, ao invés de ganhar um fim.

E aqui estamos dialogando com Baldini (2018, p. 33) quando diz:

O que significa se perguntar, por exemplo, das relações do luto com o assujeitamento? Fazer isso não abriria uma via para se pensar numa mesma via a questão da constituição do sujeito, do sentido, do desejo, do discurso? Não seria importante para nós levar em conta como se constituem, se formulam e circulam discursos de e sobre o luto? Além disso, poderíamos pensar o luto como um acontecimento, um acontecimento que convoca o sujeito para um ato, um ato que proporciona uma abertura para que algo se encerre, “pois um luto, como uma psicanálise, por essência, tem um fim”.

Assim, tentaremos escrever um texto⁴ em que as questões teóricas sejam trabalhadas conjuntamente com os elementos analíticos. Falaremos sobre o Jornal Boca de Rua e sobre a sua inserção na mídia contra-hegemônica, quando apresentaremos o *corpus* da análise aqui empreendida; em seguida, passaremos à nossa interpretação referente à deriva de luto para luta através da análise do texto “Força na peruca”. Na última seção do estudo, apresentamos algumas considerações provisórias, com o objetivo de fazermos coro às reflexões que se especializam na denúncia de situações extremas

² No presente texto, estabelecemos uma diferença entre a mídia hegemônica, a qual possui um processo naturalizado de “guias e regras aparentemente objetivas, mas que operam estruturando realces/apagamentos/priorizações no processo de seleção, hierarquização e escrita das notícias, criando um regime de controle dos discursos que são considerados válidos, que vão qualificando e desqualificando sujeitos e, conseqüentemente, criando um sistema de exclusão de vozes, pautas e corpos que sistematicamente são considerados rejeitados nesse processo” (BLANCO, 2019, p. 41) e a mídia contra-hegemônica, que produz um gesto de seleção de *vozes, pautas e corpos* que antagoniza àquele praticado pela mídia hegemônica.

³ Quando fazemos referência a esse funcionamento material, tentamos compreender elementos linguísticos, imagéticos e discursivos, sem estabelecer uma separação entre forma e conteúdo: “Não separamos formas e conteúdos. Trabalhamos com a forma material. Sendo assim, analisamos o funcionamento discursivo, explicitando as relações que se dão entre formações discursivas. As palavras não têm sentido em si mas nas construções que integram a relação entre diferentes formações discursivas. Essa é sua materialidade” (ORLANDI, 1995, p. 45).

⁴ O texto foi elaborado no âmbito das discussões do grupo de pesquisa Ordinário do Sentido e Resistência (OuSaR) da Universidade Federal de Pelotas.

vividas por uma parcela da nossa população brasileira, sujeitos expulsos da condição humana e objeto do poder do Estado autoritário.

2. O BOCA E O LUTO/LUTA: NO ORDINÁRIO DO SENTIDO (E NA RESISTÊNCIA)

O Boca de Rua⁵ é o único jornal brasileiro produzido por pessoas em situação de rua ou vulnerabilidade social. É vinculado à ONG ALICE (Agência Livre para a Informação, Cidadania e Educação), e, em 2021, completa 20 anos de existência. Sua primeira edição data de 2001, e foi lançada no primeiro encontro do Fórum Social Mundial (FERNANDES, 2020). Suas edições são trimestrais e abarcam diferentes temas, e o maior destaque é dado à oportunidade de denunciar situações de subjugação sofridas pelas pessoas em situação de rua. A publicação funciona como uma importante fonte de acesso à renda pela população de rua que se dedica à sua produção e venda, sendo que a totalidade do valor das vendas é destinada a quem trabalha no jornal, configurando-se como uma alternativa ao tráfico de drogas. Com a pandemia, a publicação passou a ser distribuída através de assinaturas online⁶.

A escolha da capa é feita democraticamente pelos trabalhadores do Boca⁷ nas discussões que acontecem com uma regularidade semanal com o grupo de cerca de 50 pessoas. No ano de 2020, no terceiro trimestre, a escolha da capa tem, em letras grandes e amarelas, o seguinte enunciado: “Força na peruca”. A imagem que ilustra a manchete é o rosto de um homem branco, de meia idade, olhos azuis, situado em um espaço aberto, com uma área verde ao fundo - talvez um parque de Porto Alegre. Conseguimos entender a relação entre o título e a imagem ao nos depararmos com o subtítulo, em letras brancas, abaixo da manchete. Em (01), observamos a capa da edição n° 76 e, em (02), é exposta a transcrição do subtítulo da manchete.

(01) Capa da edição n° 76 do Jornal Boca de Rua: julho, agosto e setembro de 2020.

⁵ Na esteira de Bonini (2017), entendemos que o Boca se contrapõe ao jornalismo comercial hegemônico; seu funcionamento é associado aos jornais de bairro, de igreja, de partido, de sindicato, por exemplo, representando um lugar enunciativo (ZOPPI-FONTANA, 1999) que reproduz uma posição política, ideológica e de classe. A relação entre lugar enunciativo e formação discursiva é obliterada no jornalismo comercial hegemônico, no qual o efeito de transparência dos sentidos se vincula à reprodução da ideologia dominante. É em função dessa compreensão que podemos compreender a relação entre ordinário do sentido e resistência nas formulações do Boca.

⁶ Várias edições do Jornal podem ser acessadas através do acervo online disponível em <<https://jornalbocaderua.wordpress.com/acervo/>>. Acesso em 3 de março de 2021.

⁷ O processo de escolha da notícia de capa pode ser observado no documentário “De olhos abertos” (DE OLHOS ABERTOS, 2020), o qual apresenta o funcionamento do Jornal através do olhar das pessoas que nele trabalham.



(02) Transcrição do subtítulo da manchete “Força na peruca”.

Este é Leandro Corrêa. O integrante mais antigo do Boca, padeiro da Amada Massa e pai da Gabriela. Quando alguma coisa dava errada, sempre animava a galera dizendo “Força na peruca!”. A gente repete a frase pra vocês, leitores, que nunca mais vão encontrar com ele na sinaleira, porque **foi morto pelo sistema em agosto passado** (JORNAL BOCA DE RUA, 2020, p. 01 [grifos nossos]).

O encontro com o rosto de Leandro, impresso em cores na capa do Boca, provoca a reflexão sobre a forma como a mídia hegemônica oblitera determinados processos que concernem à humanização daqueles que são mortos em diferentes situações de vulnerabilidade no nosso país. Podemos pensar sobre como essa mídia, articulada ao Estado, produz uma política do visível, vinculada ao funcionamento da memória, direcionando o olhar do leitor para quem/o que pode e deve ser visto/lembrado. Indursky (2011), analisando os telejornais da Rede Globo, compreende que existe um *regime de repetibilidade* de uma única posição, produzindo um *efeito de verdade*. Esse regime de repetibilidade “busca calcar à força na memória social determinados sentidos que remetem a uma determinada posição-sujeito pelo regime de repetição e, ao mesmo tempo, este mesmo procedimento silencia posições diferentes e/ou divergentes” (INDURSKY, 2015, p.16-17). Podemos estender essa reflexão para nossa discussão sobre o Boca de Rua, interessando-nos a noção de *dobradura da memória* (INDURSKY, 2015), considerada uma zona do interdiscurso na qual são recalcadas as posições que desafiam o aparente monolitismo discursivo reproduzido pela mídia hegemônica.

O recalque de posições operado por essa mídia se dá em consonância com o Estado, cuja base capitalista atribui valor a tudo aquilo que pode ser consumido, inclusive aos seres humanos. A pessoa em situação de rua não tem valor (não produz e não consome), o que garante a sua elipse no processo de administração daquilo que pode e deve ser objeto da informação pela mídia dominante. A elipse, contudo, produz sentidos: é preenchida por um vazio insubstituível, e esse vazio significa; quando a mídia hegemônica não noticia a morte de Leandro, podemos compreender que esse processo é determinado ideologicamente, sobredeterminado pela superestrutura jurídico-político-ideológica. Assim, entendemos que o que está na dobradura da memória pode retornar pela resistência.

Embora a morte de Leandro não tenha sido causada pelo vírus SARS-CoV-2, ela se situa no contexto da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Nesse contexto social, político e econômico, no norte do país, os corpos são enterrados em valas comuns (Manaus/AM⁸), ao passo que, no sul, corpos são armazenados em contêineres refrigerados (Porto Alegre/RS⁹). A anonimidade vinculada a esses corpos, que rompe com o laço significante entre corpo e subjetividade, se torna um mecanismo “necessário”, executado por determinadas instituições, para fornecer um suporte simbólico aos sujeitos inseridos na situação de pandemia, que, em 1º de abril de 2021, já contabilizava mais de 321 mil mortos no Brasil¹⁰. O apagamento dos nomes e a evidência dos números significam a pandemia como algo da ordem do calculável: o número alto de casos, de internações hospitalares e de mortes indica uma situação ruim (talvez, até, uma nova “onda”), ao passo que o número baixo de casos, de internações e de mortes aponta para uma situação razoável, que possibilita a manutenção da circulação de pessoas. Vemos, na prática, a obliteração do luto como gesto político, sendo compreendido como prática do âmbito familiar, privado, atinente somente à família daquele que morre. Ao se estabelecer uma relação significante entre morte e número, as instituições que colocam em circulação dizeres sobre a pandemia se desresponsabilizam pela circulação e elaboração social e política do luto, naturalizando as mortes decorrentes da contaminação pelo vírus, que, no Brasil, em abril de 2021, apresentava letalidade de 2,5%¹¹.

É por isso que trazemos o Jornal Boca de Rua. Enquanto a mídia dominante “funciona através da redução do não-verbal ao verbal, produzindo o efeito da transparência, da informação, do estável (ou, pelo menos, do diretamente decodificável)” (ORLANDI, 1995, p. 41-42), o Boca coloca, na capa do Jornal, a imagem de Leandro com o olhar direcionado diretamente para a câmera - imagem raramente encontrada na produção midiática hegemônica. Esse é um dos elementos do Jornal que colocam em xeque a aparente estabilidade lógica da mídia, trazendo a ordem do equívoco para a circulação jornalística.

Deparar-se com o nome e com o rosto daquele que morre é um enfrentamento ausente, da ordem do irremediavelmente equívoco, e, para que a “normalidade” permaneça absoluta no país, os nomes e os rostos são elipsados, restando um vazio impreenchível no lugar onde deveriam estar. A mídia hegemônica, portanto, pode ser situada no universo do logicamente estabilizado, com a aparência de verdade, com a objetividade informativa, com a neutralidade forjada, simulando a não-identificação com

⁸ Notícia do site G1, de 27 de abril de 2020: “Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: ‘Não é digno’” (BEATRIZ, 2020).

⁹ Notícia do site G1, de 3 de março de 2021: “Hospital Moinhos de Vento instala contêiner para colocar corpos, em Porto Alegre” (G1 RS, 2021).

¹⁰ No dia 1º de abril de 2021, o número de mortos divulgado pelo Ministério da Saúde era de 321.515 “óbitos acumulados”. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 1º de abril de 2021.

¹¹ Informação disponível no site <https://covid.saude.gov.br> e atualizada diariamente conforme os dados obtidos da Covid-19 no Brasil.

uma posição política, ideológica e de classe e possuindo a tarefa de desambiguar o mundo (MARIANI, 1998). A substituição de nomes por números está vinculada a um processo discursivo que reproduz a ideologia dominante na nossa formação social.

Esse universo logicamente estabilizado, cujas evidências estritamente bio-sociais da ordem humana são colocadas em causa pelo efeito subversivo da trilogia Marx-Freud-Saussure (PÊCHEUX, 2006, p. 45), precisa produzir um efeito de organização semântico-discursiva aos fatos que emergem cotidianamente, fatos relacionados a vidas humanas. Durante a pandemia de Covid-19, nos deparamos com cifras, tabelas, gráficos que tentam produzir sentido àquilo que parece inexplicável. O excesso de números retira a vida dos fatos, e nos deparamos com a assepsia não só no controle do vírus, mas, também, no controle daqueles que morrem pelo vírus. Os números de mortos e de casos confirmados derivam para os números de leitos em UTI, número de dias em isolamento físico, valor do auxílio emergencial, valor para emendas parlamentares, valor da dívida pública, número de dias em bandeira vermelha/preta/laranja, número do PIB, número de desempregados... Essa deriva representa a pandemia como uma crise econômica, ao invés de ser pensada como uma crise sanitária e social. Prendemo-nos a uma rede significativa da qual não conseguimos mais escapar. Gestos ordinários de resistência podem, contudo, abrir furos nessa rede, pois esse efeito de transparência provocado pelo excesso de números e de cifras não escapa à contradição. Conforme diz Pêcheux (2006), cada cifra, cada tabela, remete, ao mesmo tempo, a um conteúdo sócio-político perfeitamente transparente e profundamente opaco.

Ao lermos a capa do Jornal Boca de Rua, nos deparamos com uma leitura não hegemônica da morte, afetada por uma elaboração política e social do luto, não reservando àquele que morre a narrativa do corpo-número, mas atribuindo-lhe vida mesmo na morte através da resistência pela palavra e pela imagem¹². Alinhando-nos a Baldini (2018, p. 32), “é todo o sistema significativo que é colocado em questão no luto e que é convocado. Ou seja, um apelo ao imaginário e ao simbólico para dar conta de uma abertura traumática no real”, abertura que permite a saída da região da dobradura da memória, fazendo emergir a resistência no ordinário do sentido.

Entendemos que o gesto de análise aqui empreendido concerne àquilo que Pêcheux (2006, p. 48) denominou como uma necessidade: “se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido”, “nos espaços infraestatais que constituem o ordinário das massas, especialmente em período de crise”. Um texto de um jornal independente é capaz de mover grilhões ideológicos (e não o são sempre ideológicos?), de questionar os sentidos dominantes sobre aquele que pode e deve morrer na formação social brasileira dominada pela ideologia capitalista em sua versão neoliberal, que atua sobre a gestão da vida humana. Os sentidos das ruas ganham visibilidade por essa produção jornalística, que constrói para si um espaço de voz própria, de construção de um imaginário de si e de um imaginário do outro que escapam às evidências textualizadas pela mídia dependente de capital externo.

Na edição em análise, a relação entre a imagem de Leandro e o enunciado “Força na peruca” engendra diferentes questionamentos no sujeito leitor. A primeira pergunta que poderia ser feita é: “Quem é esse homem?”. A resposta não é obtida na manchete de capa, pois, ao invés de exprimir o fato narrado pelo Jornal, traz uma citação direta de um enunciado correntemente repetido por aquele que aparece na capa. Um segundo questionamento possível é, portanto, referente à relação entre o homem da imagem e o enunciado da manchete, o qual não aparece entre aspas. As respostas às perguntas são

¹² A edição nº 76 do Boca apresentou 20 páginas, das quais 5 foram dedicadas a Leandro Corrêa. No total, foram apresentadas 15 fotos de Leandro em diferentes situações de sua vida - em uma manifestação/protesto, em um momento com a família e trabalhando no Boca, por exemplo.

apresentadas no subtítulo: “Este é Leandro Corrêa”. Na capa, Leandro é visto pela fotografia colorida estampando a principal imagem do Jornal; Leandro é ouvido pela reprodução da expressão que costumava dizer àqueles que se encontravam em situação difícil, estimulando-os a não desistirem. Leandro resistiu à falta de voz, à falta de olhar, e sobreviveu nas ruas de Porto Alegre durante 17 anos. O Jornal presta homenagem a quem é tido como resto inassimilável pelo sistema, tão inassimilável que o sistema precisa eliminá-lo.

O rosto de Leandro perfazendo toda a capa do Jornal e o enunciado “Força na peruca”¹³ como título da reportagem principal são elementos que não são possíveis de circular em publicações atreladas à mídia hegemônica, compostas por imagens de pessoas públicas ou de lugares, manchetes que trazem uma construção sintática padronizada (sujeito + verbo + objeto, com o verbo no presente do indicativo), tentando emular neutralidade e transparência diante dos fatos narrados. No Boca, o olhar de Leandro, capturado pela câmera, como se encarasse o leitor do Jornal, encara aquele que lê e o convoca a refletir sobre a morte, a perda, o luto e a responsabilidade do Estado nesse processo. Ao chamar a responsabilidade do Estado, o leitor também se engaja nesse processo de identificação. Aqui está a interpelação em sua forma material, a qual ganha o corpo da língua, que deixa o Estado sob suspeição. O luto manifestado pelo Boca faz trabalhar simbolicamente aquilo que foi objeto da política de higienização do Estado.

Parece ser possível estabelecer relação com o referido por Baldini (2018, p. 31-32):

Se na forclusão aquilo que é recusado no simbólico reaparece no real, aqui se trata de convocar o simbólico para dar conta de uma desapareção no real. Operações de linguagem, torções no discurso, portanto. Operações que colocam em questão todas as relações constitutivas do sujeito com o objeto, exigindo uma mudança brutal nessas relações.

O luto convoca todo o sistema significante e “a tentativa de mobilização do simbólico, mesmo que necessária, não preenche a falta provocada por uma perda, mas somente faz circunscrever algo em torno desse buraco no real, deixando sempre um resto que diríamos *inominável* (BALDINI; NASCIMENTO, 2021, p. 75 [grifo dos autores]). O trabalho do luto, o qual gira em torno de um significante impossível, é constitutivamente marcado por contornos ideológicos, os quais podem ter efeitos nas torções no discurso que caminham na direção de uma reivindicação político-simbólica, também sempre não-fechada.

“Este é Leandro Corrêa”. Parece que poderíamos complementar essa apresentação com: “Se você não o conheceu em vida, você o conhecerá agora, depois que foi morto pelo sistema”. Este gesto de apresentação de Leandro, ocorrido duas vezes nesta edição do Boca, convoca o sujeito leitor a reconhecer Leandro como um sujeito-de-direito, como um ser humano, como um ser com nome e sobrenome, tal como qualquer outro cidadão. Leandro é gente. Leandro fazia parte de um grupo organizado de trabalhadores (o Jornal Boca de Rua); Leandro trabalhava (como padeiro); Leandro era pai (da Gabriela);

¹³ Aqui dialogamos com a análise desenvolvida por Baldini e Nascimento (2021, p. 82), que tratam sobre os textos escritos pelos parentes/amigos daqueles que morreram vítimas do coronavírus no Brasil publicados no memorial virtual Inumeráveis: “ao lermos este testemunho sobre Adélio Electo, quem mais poderíamos conceber como um trocador de sílabas? E, mesmo que possamos pensar em outros seres no mundo com esta não tão rara capacidade, quem mais é capaz de trocar precisamente estas sílabas da canção de Rita Lee exatamente da mesma forma? Esboça-se aqui o retrato de uma vida única e os contornos de um ser insubstituível no mundo a partir de um traço - palavra misturada e inédita - deixado em sua sobrinha, Daniele, e marcado na escuta-escrita de Ticiane Werneck”. Da mesma forma, perguntamos: quem mais diz “Força na peruca” para seus amigos em momentos de dificuldade? A vida de Leandro ganha forma de resistência pela insistência da circulação de sua palavra.

Leandro tinha relações de amizade; Leandro dizia coisas que eram lembradas por aqueles com quem convivia; Leandro pode ser objeto de memória; Leandro pode ser, sim, objeto de luto. Poderíamos continuar: “Leandro é igual a você que lê esta matéria. A diferença é que você não será morto pelo sistema - porque você não está em situação de rua, porque você pode comprar este Jornal, porque você é visto e é ouvido”.

O gesto de reconhecimento de Leandro “Este é Leandro Corrêa” se metaforiza para o reconhecimento de todas as pessoas em situação de rua. Ao dizer “Este é Leandro Corrêa”, é possível dizer “Pare e veja Leandro Corrêa. Você já o viu na rua, mas não sabe seu nome”; “Pare e nos veja”; “Nós somos gente”; “Nós somos gente e estamos sendo assassinados”.

O enunciado “Este é Leandro Corrêa” instala um jogo de visibilidade e invisibilidade; a contradição, própria dos processos de significação, se materializa com esse enunciado. Leandro era uma pessoa em situação de rua que, apesar de ocupar um espaço público, que todos podem ver, não era visto. O Jornal Boca de Rua escancara a relação entre o visível e o invisível das ruas - quem é visível, mas não pode nem deve ser visto. Leandro era invisível em vista, mas não é desaparecido, pois ganha visibilidade com sua morte. Leandro existiu, viveu nas ruas de Porto Alegre diariamente, e você não o viu. O Jornal estabelece com o leitor uma relação de convocação à reflexão sobre a banalidade da morte daquele que pode e deve morrer. As pessoas em situação de rua parecem só ser vistas quando são referidas à precariedade/animalidade da vida, ao invés de serem vistas como humanas - e aqui nos baseamos nas reflexões desenvolvidas por Chaves (2020).

Ainda no subtítulo da matéria de capa, depois da apresentação de Leandro feita pelo período “Este é Leandro Corrêa”, que, ao não mais conseguir se apresentar (por ter sido morto pelo sistema) é apresentado ao leitor pelo Boca, o texto segue com o seguinte enunciado: “O integrante mais antigo do Boca, padeiro da Amada Massa e pai da Gabriela”. Aqui, estamos nos deparando com a construção imaginária de Leandro, o qual pode ser referido pelos sintagmas: [Leandro Corrêa], [o integrante mais antigo do Boca], [padeiro da Amada Massa] e [pai da Gabriela]. Os três sintagmas nominais expostos no período, constituindo uma frase sem verbo, operam, juntos, como referentes para Leandro. Assim como [Aquele que morreu na cruz pra nos salvar] era Jesus (PÊCHEUX, 2009), temos a construção, no texto, de como o referente Leandro Corrêa deve ser resgatado através do funcionamento de uma memória afetivo-discursiva (SILVA, 2010, p. 12), “convocada em virtude da rememoração dos sentimentos e acontecimentos no ritual de interpelação ideológica da FD de referência”. Invertemos, assim, a forma como podemos fazer referência a Leandro: ao invés de chamá-lo pelo nome, podemos chamá-lo pelo sintagma que o designa e saberemos que *o integrante mais antigo do Boca* só pode ser Leandro Corrêa. Essa construção imaginária, operada através da designação, permite reconhecer a humanidade em Leandro Corrêa: integrante do Boca, padeiro e pai. Leandro Corrêa, se fosse designado como *morador de rua*, por exemplo, não receberia a humanidade que lhe cabe; o apagamento desse sintagma designativo permite um deslocamento significativo necessário para a humanização daquele que, para o Estado, pode e deve morrer. Ser pessoa em situação de rua não significa ser nada. Dizer quem era Leandro Corrêa funciona como uma negação sobre como o Estado significa Leandro Corrêa: um número-pessoa, uma pessoa sem nome, sem qualquer característica que a humanize, cuja morte não precisa ser noticiada e é tida como “natural”.

O subtítulo da matéria de capa continua: “Quando alguma coisa dava errada, sempre animava a galera dizendo “Força na peruca!”. A gente repete a frase pra vocês, leitores, que nunca mais vão encontrar com ele na sinaleira, porque foi morto pelo sistema em agosto passado”. Além de apresentar as principais características de Leandro como

cidadão (integrante do Boca, padeiro e pai), a matéria o apresenta através daquilo que ele dizia. As palavras aspeadas, conforme o entendimento de Authier-Révuz (2004), trazem a presença do outro na linearidade significativa, na composição intradiscursiva, de forma “mostrada”. O outro mostrado através das palavras, palavras que falam sobre quem Leandro era, traz à tona um processo de humanização do corpo morto (do dejetivo do Estado) e de construção imaginária de um outro ser humano, como qualquer leitor do Jornal, interpelado a se identificar com a Leandro. O Jornal fala por Leandro através das próprias palavras de Leandro. O luto pela palavra do objeto perdido se torna luta, se torna resistência no ordinário do sentido. Retomar as palavras de Leandro é um gesto de recusa à surdez do Estado.

Aquilo que Leandro dizia - “Força na peruca!” - falava sobre quem Leandro era: uma pessoa que animava e estimulava os companheiros de rua a seguirem em frente, a não desistirem da luta pela sobrevivência nas ruas de Porto Alegre. O fato de ser um dos membros mais antigos do Boca já manifesta essa resistência. O Boca manifesta isso e faz questão de repetir as palavras de Leandro, pois o leitor precisa saber o que ele dizia, não adianta tapar os ouvidos. O Boca vai repetir. O leitor precisa saber o que ele dizia, porque quem diz algo também é gente. A diferença é que ele nunca mais poderá dizer isso, mas o Boca tomará sua palavra e a reproduzirá como efeito de memória de Leandro e da situação de rua. A morte de Leandro não será “espontaneamente” esquecida pelo Estado. Conforme Orlandi (1995, p. 47): “As palavras não são apenas nomes (almas) que se dissolvem. Elas são corpo (materialidade) e têm o peso da história”.

O período que conclui o subtítulo da matéria de capa ainda traz a informação de que os leitores “nunca mais vão encontrar com ele [Leandro] na sinaleira, porque foi morto pelo sistema em agosto passado”. Em geral, a mídia impressa hegemônica brasileira, ao produzir textos que tratam sobre a morte de alguém, não atribuem “ao sistema” a responsabilidade pela morte. Chegamos a um estranhamento (ERNST, 2009) causado pela decisão de não elipsar o agente da passiva do período em destaque. Com a exposição desse agente (o sistema), podemos inverter a ordem do período: *O sistema matou Leandro em agosto passado*. Resta-nos tentar compreender como o Boca significa o sistema, e, desse modo, instala um gesto de resistência à dominação superestrutural, cabendo a nós, analistas de discurso, observar a base infraestrutural em litígio com a força discursiva dominante, que impõe imaginários àqueles que se encontram em situação de rua, obliterando suas vidas e produzindo o efeito de morte em vida por uma gestão bio(necro)política da invisibilidade e da precariedade da vida, conforme leitura feita por Chaves (2020) das reflexões de Michel Foucault, Achille Mbembe e Judith Butler. Entendemos que essa política é colocada em prática pelo Aparelho Repressivo de Estado (ALTHUSSER, 2008), ganhando, portanto, efeito de legitimidade, indo ao encontro das reflexões desenvolvidas por Vinhas (2021a).

Podemos buscar a resposta sobre a forma como o Boca significa o sistema através da leitura do texto referente à matéria de capa, publicado na página 02 da edição aqui trabalhada. Assim, expomos o texto na íntegra em (03), o qual, na publicação, aparece totalmente escrito em caixa alta.

(03) Texto da matéria “Força na peruca”, publicado na página 02 (JORNAL BOCA DE RUA, 2020 [grifos nossos]).

Este é Leandro

Quando um colega morria, Leandro - o Pedrinha - costumava animar o povo, dizendo: “Força na peruca!” Agora ele morreu e nos deixou sem força. Leandro o mais antigo do Boca. Entrou com 19 anos e estava com 36. Ele era um mentor, tinha ideias e atitudes, ele incentivava o pessoal. Ele ensinava a vender o jornal. Foi ele que convidou muitos de nós para dentro do Boca. Ele era muito honesto e amigo. Não

deixou nenhuma lembrança ruim. Sempre foi parceiro, sempre dividia o pão, ajudava os irmãos da rua. Trabalhava no Boca e na Amada Massa. Foi ele que declarou o Jornal “território livre de chinelagem” e ele foi, também, o primeiro a propor as edições online. Esta é nossa homenagem especial para e sobre ele, **que foi morto pelo sistema**. Quando foi preso por burocracia da justiça, deixaram de dar a medicação do HIV. Meses depois, quando apareceu doente numa reunião do Boca, depois de dias sem comer, o grupo se mobilizou para levar ele para o hospital. Mas ele demorou uma semana para ser internado, passando pelo Hospital Conceição, o Santa Marta, o Posto de Saúde Modelo, o Postão da Cruzeiro e, finalmente, o Vila Nova, onde faleceu, no dia 28 de agosto. Não fizeram os exames necessários e, duas vezes, deram apenas um soro e mandaram ele de volta “**pra casa**”.

Baixou o hospital com complicações gastrointestinais, mas no seu atestado de óbito está escrito: “insuficiência respiratória, síndrome da imunodeficiência, infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. Tipo de morte: natural”.

Parece natural para vocês? Para nós parece um crime perfeito.

A afirmação de que Leandro foi morto pelo sistema reaparece. Em seguida dessa referência, há uma descrição que, segundo nossa interpretação, embasa a afirmação referente à causa da morte de Leandro – a causa não é, portanto, insuficiência respiratória, síndrome da imunodeficiência, infecção pelo vírus da imunodeficiência humana. A causa da morte de Leandro é o sistema, e, ao invés de ser significada como morte natural, passa a ser relacionada a crime. Podemos interpretar, pelo acréscimo do agente da passiva no período em foco, que existe a atualização de uma memória referente ao significativo *sistema*: o sistema como o modo de produção capitalista organizado política, jurídica e ideologicamente para oprimir e explorar os membros das categorias sociais subalternizadas. Dizer que Leandro foi morto pelo sistema significa que há uma identificação do Boca com a posição subalternizada nesse sistema.

Ao observarmos a referida formulação, observamos que há uma deriva significativa de morte para crime, de morte natural para crime perfeito, de morte sem autor para morte com autor. A morte sem autor é de responsabilidade do próprio morto (afinal, tinha HIV, estava em situação de rua, logo, é “natural” que tenha morrido), ao passo que a morte com autor é responsabilidade do sistema jurídico, político e ideológico que gerencia essa formação social. Temos o efeito de sentido sobre o sistema estabelecido a partir da identificação com uma formação discursiva contra-hegemônica, dominada, cujos saberes são formulados pelo questionamento aos saberes dominantes que tentam recalcar, na formação social, determinados corpos, determinados sujeitos, os quais resistem e se fazem visíveis, tornando pública a morte anunciada a que todo ser de *vida precária* está destinado. Esse movimento de resistência só é possível pela operação da memória discursivo-afetiva em seu trabalho com a formação discursiva de identificação, conforme já mencionado. Com essa interpretação, memória discursivo-afetiva, ordinário do sentido e resistência funcionam juntos nas palavras do Boca.

Leandro foi preso, deixaram de lhe dar a medicação que o mantinha seguro aos efeitos do vírus HIV, foi solto e apareceu doente e sem comer por dias. Leandro foi levado ao hospital pelos colegas do Boca, mas demorou uma semana para ser internado. Passou por dois hospitais e por três postos de saúde. Morreu no terceiro posto de saúde. Não fizeram exames, deram somente soro e o liberaram. Depois disso, foi para o hospital com complicações gastrointestinais, quando acabou por falecer. A leitura da notícia produz um estranhamento: Leandro precisava de atendimento médico e, ao invés disso, foi transferido de mão em mão, ou seja, o sistema de saúde negou, repetidas vezes, atendimento a Leandro. Isso é o sistema. O sistema que dá todo o amparo para alguns e denega outros. Leandro é mais um dos muitos que, mesmo ao morrerem, parecem estar atrapalhando o funcionamento do sistema (morrem na contramão, morrem atrapalhando o tráfego). Quando a morte, na notícia, é atribuída ao sistema, com a menção do agente da passiva, com a menção daquele/daquilo que cometeu o assassinato, temos o processo

de elaboração do luto aliado à denúncia dos *enquadramentos*¹⁴ do Estado. O discurso midiático não-hegemônico elabora sua própria gramática para lutar contra as evidências - de quem vive e de quem morre.

Antes de encerrarmos nossa discussão, vamos chamar a atenção para três elementos intradiscursivos presentes no texto exposto em (03). São eles: (i) a oração subordinada adverbial temporal “Quando um colega morria, Leandro - o Pedrinha - costumava animar o povo, dizendo: “Força na peruca!””; (ii) a expressão *mandar alguém de volta pra casa*; e (iii) o sintagma nominal *crime perfeito*.

A primeira questão, referente à oração subordinada adverbial temporal, concerne à estrutura linguística que materializa uma repetibilidade presente na vida das pessoas em situação de rua. A oração principal do período composto “Quando um colega morria, ...”, com a presença do verbo no pretérito imperfeito do indicativo, revela uma ação repetida várias vezes em diferentes momentos do passado. Leandro viu várias vezes algum colega da rua morrer ao longo dos 17 anos de permanência na rua. Os outros integrantes do Boca também viram várias vezes algum colega morrer. A morte, então, é uma recorrência para as pessoas em situação de rua na cidade de Porto Alegre, e, provavelmente, em muitas outras cidades brasileiras. O enunciado materializado no Boca faz parte de um conjunto de enunciados impossíveis de serem formulados por lugares enunciativos referenciados à classe dominante, à pequeno-burguesia, à branquitude e/ou à cisheteronormatividade, por exemplo. *Quando um colega¹⁵ morria...* não faz parte daquilo que pode e deve ser dito do lugar de quem tem casa e renda fixa; nem faz parte daquilo que pode e deve ser dito por quem mora em situações fora do alcance da polícia militarizada, opressora; ou de quem mora em regiões de trânsito de drogas, por exemplo. No eixo da formulação temos a estrutura sintática afetada pela naturalização da morte entre as pessoas em situação de rua. Essa naturalização ganha forma de existência material através da construção sintática da subordinada. Com isso, podemos entender que certas estruturas intradiscursivas são referentes não a posições políticas, ideológicas e de classe, mas, na verdade, a lugares de enunciação, vinculados a gênero, classe e raça¹⁶.

A expressão *mandar alguém para casa* aparece, no texto, da seguinte forma: “Não fizeram os exames necessários e, duas vezes, deram apenas um soro e mandaram ele de volta “pra casa””. Aqui acontece o contrário da situação exposta em (i): trata-se de um enunciado que não pode nem deve ser formulado por esse lugar de enunciação. *Mandar alguém de volta para casa* é algo que se diz para alguém que tem casa. As instituições que sustentam a superestrutura jurídico-político-ideológica da nossa formação social falam de uma posição determinada, a qual não encontra uma cena discursiva para a possibilidade de diálogo. Trata-se, conforme Indursky (2003), do lugar-fronteira, onde somente uma das partes do litígio tem legitimidade para determinar o que pode e deve ser dito, não reconhecendo a outra parte como passível de diálogo. Reconhecendo o discurso-outro como algo impossível para quem está em situação de rua, o Jornal marca, com as aspas, a falta de reconhecimento, pelo outro, da possibilidade de alguém não ter casa. A expressão *mandar de volta para casa* só é possível de ser dita do lugar enunciativo de quem tem casa para o interlocutor quem tem casa. “Ter casa” se instala como um saber naturalizado (todo mundo tem casa), que sequer passa pelo questionamento “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” (PÊCHEUX, 2019). Nesse enunciado, pode-se perceber a

¹⁴ Tanto a *vida precária*, mencionada no parágrafo anterior, quanto os *enquadramentos* são conceitos referidos à teorização de Butler (2020).

¹⁵ Chamamos a atenção para a designação *colega*, empregada no texto do Jornal. Poderíamos nos perguntar sobre os efeitos de sentido estabelecidos por tal designação, ao invés de empregar *camarada*, *companheiro*, ou, até mesmo, *amigo*.

¹⁶ Para tal discussão, tomamos como inspiração o trabalho desenvolvido por Vinhas (2021b).

perversidade do Estado na gestão daqueles que fogem às obviedades do sistema jurídico-político-ideológico. “Ter casa”, nas formulações do Boca, são *palavras mantidas à distância* (AUTHIER-RÉVUZ, 2016), marcando a presença do outro com o aspeamento. *Voltar para casa* é da ordem do impossível para quem enuncia do lugar da situação de rua.

O terceiro caso levantado diz respeito ao sintagma nominal “Crime perfeito”, funcionando juntamente com o tipo de morte declarado pelo Estado: morte natural. A deriva de “morte natural” para “crime perfeito”, ou seja, a alteração na designação empregada para fazer referência ao tratamento oferecido a Leandro pelo Estado, coloca em circulação saberes oriundos de uma região do interdiscurso que *antagonizam* às formulações possíveis de serem colocadas em circulação pelo Estado. O “crime perfeito” ganha suspeito e, também, condenado, conforme formulado pelo Boca; assim, a partir do momento de sua nomeação, o crime perfeito deixa de ser perfeito, ao mesmo tempo em que a morte deixa de ser natural. A “morte natural” não tem nada de natural pela perspectiva das pessoas em situação de rua; Leandro morreu pelo efeito da necropolítica de gestão de gestão de corpos colocada em marcha pelas instituições (MBEMBE, 2018). Quando o Boca provoca a alteração de designação para a forma como Leandro morreu, temos, portanto, o questionamento dos saberes evidentes colocados em circulação no atestado de óbito, documento da esfera médico-jurídica que marca uma posição política, ideológica e de classe. A reivindicação por uma nova designação para a morte de Leandro - a alteração significativa - não somente convoca para a distribuição política dos sentidos uma formação discursiva não-dominante, mas, também, permite a transformação da morte em objeto de luta política, bordeando o Real que jamais se fará presente, mas produz seus efeitos.

E aqui trazemos, para complementar essas reflexões, a citação de Pêcheux (1990, p. 17) sobre as resistências; é, com base nessa citação, que podemos compreender como o Boca resiste no ordinário do sentido:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo; falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras...

Entendemos que os elementos visuais e verbais mobilizados pelo Boca na construção da matéria sobre Leandro Correa na edição n° 76 fazem trabalhar diferentes resistências tais como as elencadas por Pêcheux (1990). Entre os elementos que tomam forma na língua e nas imagens, os sentidos são formulados e circulam. Conforme Orlandi (1995, p. 40), “é no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica”. Boca desdobra a memória – em referência a Indursky (2015) - e faz irromper aquilo que havia sido designado como da ordem do esquecimento. Assim, temos a resistência no ordinário do sentido.

Este trabalho entende que a produção do Boca de Rua é considerada uma produção jornalística contra-hegemônica, e, em função disso, divulga o que é rejeitado pela mídia hegemônica (BLANCO, 2019). Conforme Mariani (2003, p. 33), “o discurso jornalístico toma parte no processo histórico de seleção dos acontecimentos que serão recordados no futuro. E mais ainda: (...) a imprensa acaba por constituir no discurso um modo (possível) de recordação do passado”.

Por um lado, a mídia hegemônica possui uma gestão específica da memória e do esquecimento, seleção de elementos que podem e devem ser pautados e, em consequência, excluindo aquilo que não deve ser objeto de preocupação da mídia (em

conformidade com o Estado). Por outro lado, a mídia contra-hegemônica, ao criar uma pauta própria descolada dos interesses aliados à determinação ideológica dominante, oferece uma leitura que desafia o olhar hegemônico, colocando, por exemplo, a elaboração do luto como pauta de efeito social, político e jurídico, além de se manifestar como uma forma de resistência frente ao apagamento de todo o sistema, que inclui a mídia hegemônica.

A publicação do Boca, ao colocar a perda em palavras, ao falar sobre Leandro e ao enunciar aquilo que Leandro costumava dizer, pode ser entendida, conforme nossa perspectiva, como “acontecimento jornalístico” na forma como o compreende Dela-Silva (2016, p. 263). A autora diz que

O acontecimento jornalístico consiste em um discurso, efeitos de sentidos que, enquanto tal, se dão no encontro de uma atualidade com uma memória, no encontro de um eixo da formulação do dizer com aquele da sua constituição, que lhe assegura sentidos. Possui, ademais, condições específicas de circulação, uma vez que o discurso jornalístico ocupa lugar privilegiado em nossa formação social, seja pelo imaginário que constitui para si de um lugar de dizer que se pretende neutro e objetivo, seja por seu amplo alcance, capaz de produzir representações (DELA-SILVA, 2015b).

Embora não seja possível ampliar a reflexão em torno do acontecimento jornalístico e a publicação do Boca, deixamos a possibilidade de se aprofundar tal relação posteriormente. Cabe ressaltar, para encaminharmos a conclusão deste texto, que o processo de produção da matéria sobre Leandro é aqui compreendido como da ordem do ordinário do sentido, fazendo referência a histórias e falas anônimas, da linguagem comum (MALDIDIER, 2003). Esse ordinário, contudo, produz resistência, e podemos chegar à relação entre ordinário do sentido e resistência pela publicação do Boca sobre a morte de Leandro. No nosso entendimento, o desdobramento da memória operado pelo Boca se constitui como acontecimento jornalístico ao dizer sobre a morte/crime na publicação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dunker (2019, p. 32) diz que “o luto não é só um evento, o luto é um modo de subjetivação, é um modo de relação com o outro permanente”. O ponto trazido pelo autor toca a proposta de reflexão trabalhada aqui. O luto pela morte de Leandro requer uma relação não somente de identificação, mas, também, de contraidentificação. A exposição das condições da morte de Leandro, a exposição da vida de Leandro, da identidade de Leandro, produz uma gramática de resistência possível para quem está em situação de rua. O Boca, ao invés de apagar as singularidades de Leandro, as expõe, funcionando como uma denúncia e, ao mesmo tempo, como um memorial. Assim, os significantes *luta* e *luto* conciliam aquilo que é da ordem da significação impossível.

Como diz Mbembe (2017, p. 05), “a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer”. No entanto, mesmo que exista a tentativa incessante de manutenção de um “mundo semanticamente normal” e mesmo que o Aparelho Repressivo de Estado siga gerenciando os corpos que devem viver e os corpos que devem morrer, assim como as condições de vida e as condições de morte desses corpos, a resistência seguirá existindo. Ela estará presente no ordinário do sentido, lá onde o “sistema” não penetra, onde não consegue exercer sua coerção e dominação; lá, no *impossível* do sistema. Mesmo que o Estado se

manifeste cego e surdo àquele que não pode e não deve viver, a resistência no ordinário do sentido seguirá existindo.

No presente trabalho, entendemos que a publicação da matéria, no Jornal Boca de Rua, sobre a morte de Leandro constitui parte da elaboração própria do processo de luto decorrente da perda de Leandro. Nossa análise coloca em debate um processo de “distribuição desigual do luto” (CHAVES, 2020, p. 123). Mesmo a vida de Leandro não sendo passível de luto, segundo a distribuição desigual do luto em nossa formação social, o Boca de Rua produz o espaço para que ele seja possível. Luto que deriva para luta; notícia sobre a morte de Leandro que deriva para notícia de um assassinato cometido pelo Estado; notícia que vira denúncia; notícia que vira homenagem. A narrativa sobre a morte de uma pessoa em situação de rua deixa de ser controlada pelo Estado, em aliança com a mídia hegemônica, e passa a ganhar um caminho discursivo alternativo, contra-hegemônico, ao se materializar em um espaço próprio de enunciação, independente da narrativa dominante. A resistência no ordinário do sentido se dá pela circulação da palavra, e, nesse processo, luto e luta significam juntos - dois significantes que funcionam como se fossem um só.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Sobre a reprodução*. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 11-80.
- AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. Palavras mantidas a distância. In: CONEIN, Bernard et al. (Orgs.). *Materialidades discursivas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2016, p. 201-226.
- BALDINI, Lauro José Siqueira. Luto, discurso, história. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; SILVA SOBRINHO, Helson Flávio. (Orgs.) *Imaginário, sujeito, representações*. Recife: Editora da UFPE, 2018, p. 26-34.
- BALDINI, Lauro; NASCIMENTO, Elisa Mara do. “Esse verso é um pouquinho de uma vida inteira...”: os inumeráveis e a morte inominável. *Revista Linguagem*, São Carlos, v. 37, Número Temático, janeiro, 2021, p. 67-90.
- BEATRIZ, Rebeca. Caixões serão empilhados em valas comuns de Manaus para suprir demanda de enterros; famílias criticam medida: ‘Não é digno’. G1 Amazonas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/04/27/corpos-serao-empilhados-em-valas-comuns-de-manaus-para-suprir-demanda-de-enterros-familias-criticam-medida-nao-e-digno.ghtml>>. Acesso em 8 de março de 2021.
- BLANCO, Glaucia Almeida Reis. Não é mais um monólogo: midiativismo negro digital, contra-agendamento e mídia hegemônica no Brasil. Dissertação de mestrado. Mestrado em relações étnico-raciais. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2019.
- BONINI, Adair. O jornal escolar como mídia contra-hegemônica – jornalismo de escola não modelado pelo jornalismo comercial dominante. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 17, n. 2, p. 165-182, maio/ago. 2017.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- CHAVES, Tyara Veriato. Entre a escrita e o olhar: uma poética da violência. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. 210 p.
- DELA-SILVA, Silmara. Do acontecimento jornalístico e do arquivo: efeitos do/no discurso. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (orgs.) *A Análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2016, p. 257-269.
- DE OLHOS ABERTOS. Direção: Charlotte Dafol. Produção de ALICE. Brasil: ALICE, 2020.
- DUNKER, Christian. Teoria do luto em psicanálise. *Pluralidades em Saúde Mental*, Curitiba, v. 8, n. 2, p. 28-42, jul./dez. 2019.

- ERNST, Aracy Graça. A falta, o excesso e o estranhamento na constituição/interpretação do corpus discursivo. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 4., 2009, Porto Alegre, RS. Anais... Porto Alegre: UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/4SEAD/SIMPOSIOS/AracyErnstPereira.pdf>>. Acesso em 31 de março de 2021.
- INDURSKY, Freda. Argumentação na mídia: do fio do discurso ao processo discursivo – um contraponto. *Letras*, Santa Maria, v. 27, p. 55-66, 2003.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- INDURSKY, Freda. Políticas do Esquecimento X Políticas de Resgate da Memória. In: FLORES, Giovanna; NECKEL, Nadia; GALLO, Solange. (Orgs.) *Análise de Discurso em rede: cultura e mídia*, v. 1. Campinas: Pontes, 2015, p. 11-27.
- FERNANDES, Talita. Conheça o jornal brasileiro totalmente produzido por pessoas em situação de rua. *Global Voices*, 2020. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2020/07/09/conheca-o-jornal-brasileiro-totalmente-produzido-por-pessoas-em-situacao-de-rua/>> Acesso em 24 de fevereiro de 2021.
- G1 RS. Hospital Moinhos de Vento instala contêiner para colocar corpos, em Porto Alegre. G1 RS. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/03/03/hospital-moinhos-de-vento-instala-conteiner-para-colocar-corpos-em-porto-alegre.ghtml>>. Acesso em 8 de março de 2021.
- JORNAL BOCA DE RUA. “Força na peruca”. *Jornal Boca de Rua*, Porto Alegre, ano 19, n. 76, 2020.
- MALDIDIÉ, Denise. *A inquietação do discurso – (Re)ler Michel Pêcheux hoje*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.
- MARIANI, Bethânia. O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- MARIANI, Bethânia. Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni. (Org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 31-42.
- MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ORLANDI, Eni. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *Rua*, Campinas, n.1, 1995, p. 35-47.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 19, p. 7-24, jul./dez., 1990.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi [et al.] Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso*. Tradução de Eni Orlandi e Greciely Costa. Campinas: Pontes, 2019.
- SILVA, Renata Silveira da. O tempo discursivo na constituição do imaginário do trabalhador no discurso da CUT. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010, 200p.
- VINHAS, Luciana Iost. *O impossível da existência: prisão, mulheres e classe*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a.
- VINHAS, Luciana Iost. E se fosse ao contrário? Se o gênero nos une, a classe e a raça nos dividem. In: SILVA, Dalexon Sérgio da; SILVA, Claudemir dos Santos. (Orgs.) *Pêcheux em (dis)curso: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nadia Azevedo*. Vol. 01. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021, p. 141-164.
- ZOPPI-FONTANA, Mônica Graciela. Lugares de enunciação e discurso. *Leitura – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística*, Maceió, v. 23, p. 15-24, jan./jun., 1999.

Recebido: 3/4/2021

Aceito: 25/9/2021

Publicado: 24/11/2021